

Pastoral da Juventude Catarinense e CF/95

José Dias Lima
Secretário da Coorden.Regional da PJ

Fazer uma reflexão sistemática e aprofundada sobre esta questão requer rigor metodológico e uma prática "político-pastoral" comprometida com a juventude excluída. Contudo, neste texto, não pretendo fazer uma abordagem científica do assunto. Quero, sim, apresentar alguns elementos para levantar a discussão sobre o compromisso pastoral que se apresenta para a PJ e para toda a Igreja catarinense com a Campanha da Fraternidade do próximo ano.

A apresentação desta discussão se divide em três partes. Em primeiro lugar, uma **constatação** dos diferentes rostos da juventude excluída em Santa Catarina. Em segundo lugar, uma **análise** da ação da Pastoral da Juventude catarinense frente aos desafios colocados pelos(as) jovens excluídos(as). Por fim, algumas **perspectivas** para um trabalho pastoral diferenciado e conseqüente.

É importante ressaltar que a juventude empobrecida e excluída do Estado não surge para esta reflexão como um objeto de estudo e apreensão de análise sociológica, política, econômica, antropológica, sociológica... Pelo contrário, surge de minha prática e vivência na PJ do meio popular em Florianópolis e, portanto, como uma reflexão sobre a própria vida que, no desrespeito de sua integridade e dignidade - numa mesma relação de sofrimento com o povo hebreu - clama insistentemente a Deus por justiça e libertação (cf Ex 3,7-10).

ROSTOS DA JUVENTUDE EXCLUÍDA DE SANTA CATARINA

Historicamente, a PJ do Brasil e de Santa Catarina sempre refletiu e assumiu a opção preferencial pelos jovens empobrecidos (1). Deste modo, metodologicamente, quando esta discussão vem à tona, é necessário colocar duas indagações: Quem são os(as) jovens excluídos(as)? Por que são excluídos(as)?

A resposta a estas indagações tem sua visibilidade estampada diretamente nos mais diversos rostos das pessoas estigmatizadas pela pobreza econômica e pela exclusão social. Ou, como diz o documento de Puebla, n. 31: "A pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas". Logo adiante, no n.32, Puebla se refere às "feições de

jovens, desorientados e frustrados, sobretudo nas zonas rurais e urbanas marginalizadas"...

Já Leonardo BOFF não fala em feições, mas em "cruzes", isto é, "a presença do pecado como força histórica destruidora se manifesta por mil cruces que homens prepararam a outros homens. Há milhões de crucificados e, praticamente, cada um pende de alguma cruz. Esta cruz é iníqua e abominada por Deus. Há uma cruz dolorosa e persistente, que pesa sobre as culturas dominadas dos negros e dos indígenas latino-americanos" (2).

Deste modo, o documento de Puebla e as reflexões de L. BOFF nos oferecem uma importante chave de leitura, através da qual é possível vislumbrar e trazer à tona as diferentes feições dos jovens crucificados e sacrificados, em Santa Catarina, pela ganância do poder econômico e pela exclusão social.

*"A pobreza
generalizada
adquire, na vida
real, feições
concretíssimas"*

Há jovens indígenas (Guarani, Xocling, Kaingang...) que historicamente foram excluídos, marginalizados, desapropriados, mortos e que, hoje ainda, continuam sendo crucificados pela dominação e o empobrecimento. Eles estão em várias partes do Estado, ou em algumas das reservas; muitas vezes, sem os devidos recursos e sem os direitos já adquiridos. Ainda Leonardo BOFF nos lembra que "esta cruz injustamente imposta produziu uma verdadeira hecatombe demográfica" (3), porque eles, os índios, foram dizimados por guerras,

enfermidades, opressões bárbaras, e este processo ainda não se estancou. A história e a vida da juventude indígena catarinense traz as marcas deste processo de injustiça e marginalização.

Também jovens negros são crucificados, marginalizados, excluídos. De uma história de dominação, pecado e exploração, eles acabam nas "senzalas suburbanas" das encostas e das periferias de nossas grandes cidades - sobretudo as litorâneas. Uma juventude que cresce visceralmente estigmatizada pelo processo de exclusão.

Milhares de jovens caboclos, "são descendentes de 'índios mansos', de negros e paulistas que se foram cruzando por aqui certamente com outros índios, negros, portugueses desconhecidos. E esses caboclos constituem um bloco de gente que não se enquadra nos quadros oficiais, por não se adaptar aos nossos esquemas do sistema econômico, político, social, cultural e religioso" (4). É uma juventude que traz

visíveis traços da exclusão, da exploração econômica, da discriminação racial. Está mais presente no planalto e no extremo Oeste.

Há também os jovens pescadores. Fadados ao empobrecimento por causa da exploração da indústria pesqueira,

cada vez mais tecnicamente preparada e açambarcada.

“É uma juventude que traz visíveis traços da exclusão, da exploração econômica, da discriminação racial”

É grande o número de jovens sem-terra, excluídos por falta de oportunidades de capacitação e de empregos. Filhos de colonos italianos, poloneses, alemães, oriundos de um processo imigratório que visava a expansão do sistema capitalista nacional e internacional, muitos já chegaram aqui empobrecidos, como mão-de-obra barata e volante. Hoje são jovens sem perspectivas, sem terra para trabalhar, fadados a viver do subem-

prego; explorados pela "econômica ilegal", vão sendo reduzidos a boias-frias, a mão-de-obra sobrando.

Existe ainda a juventude mineira, na região carbonífera do Sul, que também é vítima do processo de morte e exclusão social. Muitas vezes explorada e vivendo em condições precárias de trabalho, sob o peso da insalubridade e da intoxicação da indústria do complexo carboquímico.

Desta mistura de sangues, raças e culturas: indígena, negra, cabocla, parda, açoriana, italiana, alemã, polonesa... nasce uma juventude que traz violentas marcas de empobrecimento e exclusão. São os jovens operários, explorados como mão-de-obra barata pelas grandes indústrias do Estado, que "continuam sendo crucificados com salários de fome, em condições de trabalho que lhes encurtam a vida e em situações higiênicas que produzem a morte" (5). São exatamente aqueles jovens que vivem nas periferias das grandes cidades e que são penalizados(as) "sob o peso da discriminação e de outras formas de exclusão e morte social por serem mulheres, doentes, pobres, homossexuais, negros..." (6).

ANÁLISE DA PRÁTICA PASTORAL DA PJ CATARINENSE

Como já foi ressaltado, a PJ catarinense, desde que se organizou como tal, preocupou-se com a juventude empobrecida (7). Esta postura da PJ no Estado se deve basicamente a dois fatores: 1) por influência direta do documento de Puebla, de 1979, que traz de modo claro e **explícito a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens** (cf Puebla, n. 1188); 2) por influência do próprio conteúdo da PJ do Brasil, que aos poucos ia ganhando sistematização e dando as diretrizes para o trabalho pastoral em todo o país (8).

Nesta perspectiva, na medida em que o trabalho ia se articulando no Estado, a juventude construía uma concepção de Pastoral da Juventude por meios específicos (9), procurando responder, de modo mais consequente, aos

desafios das diferentes realidades: rural, estudantil, meio popular etc (10). Não obstante, na prática, o trabalho que se realiza mais concretamente, com a juventude catarinense, ainda é um trabalho indefinido, amplo, geral, de uma PJ "igual para todos" (11).

Deste modo, a ação pastoral da PJ no Estado apresenta um grave erro metodológico no que diz respeito à reflexão e aos trabalhos concretos com os jovens excluídos. Isto é, na história e na prática da PJ catarinense - em certo sentido, da Igreja de Santa Catarina - não se oportunizaram ações, ou propostas de trabalho, que sejam da própria juventude empobrecida, usando uma pedagogia que realmente envolva os excluídos, a partir de uma dinâmica onde eles possam construir uma PJ deles e para eles. Em outras palavras, os jovens marginalizados não participam das assembleias, das discussões da PJ, fazendo, construindo eles mesmos - numa perspectiva de trabalho conjunto - as ações, as propostas que venham ao encontro de suas próprias necessidades.

Assim, do ponto de vista metodológico, nem sempre a PJ catarinense conseguiu perceber que os jovens excluídos têm uma maneira pertinente e diferenciada de viver, de organizar, de perceber o mundo, a sociedade, as relações, dando significados próprios para os diferentes "pontos sensíveis" da constituição antropológica da pessoa humana, p. ex.: a vida, o corpo, a morte. Esquece-se de que "o povo (o jovem excluído) é muito simples e concreto, apreende as coisas não por conceitos, mas praticando. Ele extrai conceitos a partir dos dados da realidade" (12). Por que, para uma juventude crucificada e excluída socialmente, "o que há são os casos, estórias, tudo oralmente" (13).

PERSPECTIVA PARA UM TRABALHO DIFERENCIADO

A questão central não é negar o trabalho existente da PJ no Estado, mas enriquecê-lo, dando condições e viabilidade para a construção e o exercício de uma PJ dos(as) Excluídos(as). Neste sentido, a ação pastoral da PJ, frente aos jovens empobrecidos, tem que ter presente três eixos fundamentais: um corte metodológico, uma pedagogia da libertação, e um novo "estatuto pastoral".

É necessário **um corte metodológico** na concepção de trabalho da PJ, ou seja, dar condições para que os jovens excluídos construam sua ação pastoral e suas próprias propostas de trabalho, o que não é meramente fazer uma transposição do Projeto Pastoral que a PJ regional e do Brasil já elaboraram. Mas possibilitar a explicitação do próprio ritmo e significado que os jovens excluídos oferecem para a compreensão do seu espaço organizativo e estrutural.

Essa prática diferenciada exige também **uma pedagogia da libertação** que, ligando o conhecimento com a ação, venha possibilitar um exercício didático libertador, porque a juventude excluída tem uma sensibilidade própria frente ao modo de sentir, de perceber a realidade e, portanto, de construir o conhecimento. Ou, como diria Frei BETTO: "o povo (o jovem excluído) não conhece a história da opressão pelo estudo dos modos de produção, ele a conhece pela sua própria vivência, sua própria história, seu passado indígena ou escravo, pela tradição familiar oral, pelo êxodo permanente em busca de melhores condições de vida" (14). Estes são elementos pedagógicos que, geralmente, não estão presentes na pedagogia usual da PJ catarinense.

A partir daí, de modo dialético, constrói-se um novo "estatuto pastoral", ou seja, a concepção, os fundamentos e os sentimentos de uma **Pastoral da Juventude dos Excluídos**, onde a cosmovisão, as idéias geradoras, os vocábulos temáticos, os símbolos... são dos próprios jovens excluídos, e não algo já construído sem a participação direta deles.

A Campanha da Fraternidade de 95 traz-nos um questionamento sensivelmente exigente e comprometedor, e com certeza a PJ do meio popular de Florianópolis tem muito a nos dizer, no sentido de levar-nos a redimensionar nossa vivência evangélica e, portanto, a nossa ação, frente aos desafios colocados pelos(as) jovens excluídos(as) e sacrificados(as) do Estado de Santa Catarina.

NOTAS

(1) Cf Estudos da CNBB, n. 44, *Pastoral da Juventude no Brasil*, Ed. Paulinas, SP, 1986, p. 37

(2) BOFF, Leonardo, *Como pregar a Cruz hoje, numa sociedade de crucificados*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1986, p. 19

(3) Id., *ibid.*, p. 19

(4) Cf RIBEIRO, Hércion, *Da periferia um povo se levanta*, Ed. Paulinas, SP, 1988, p. 21

(5) BOFF, Leonardo, obra cit., p. 20

(6) Id., *ibid.*, p. 20

(7) Cf FRUTUOSO, Antônio C., *Pastoral da Juventude no Regional Sul IV. História e Organização*, texto no Arquivo da Secretaria Regional da PJ, Sede do Regional Sul IV, Florianópolis

(8) Cf Estudos da CNBB, n. 44, *Pastoral da Juventude no Brasil*, Ed. Paulinas, SP, 1986, p. 37

(9) Id., *ibid.*, p. 11-13

(10) Cf VV.AA., *Nona Assembléia Regional da PJ - História feita em mutirão*, relatório no Arquivo da Secretaria Regional da PJ, Sede do Regional Sul IV, Florianópolis, p. 5

(11) Id., *ibid.*, p. 8

(12) Cf BARBOSA, Josival L., *Pastoral Popular e Pedagogia da Libertação*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1988, p. 67

(13) Id., *ibid.*, p. 67

(14) Frei BETTO, *Oração na Ação*, p. 48

Endereço do Autor:

Coordenação Regional da PJ
Sede do Regional Sul IV da CNBB
rua Dep. Antônio Edu Vieira, 476
88040-001 FLORIANÓPOLIS, SC

Fraternidade e Excluídos

Recanto da Esperança

Lar do re-encontro para os portadores do Vírus

Giovani Alberton Ascari
4º ano de Teologia - Tubarão

Partilho neste espaço um pouco da minha pequena experiência e da maneira como vejo e sinto a realidade dos excluídos, em especial os portadores do vírus HIV positivo.

Quando fui interpelado por um colega para ajudá-lo no acompanhamento espiritual de um grupo de quinze pessoas portadoras do vírus da AIDS, senti-me como o profeta Moisés:

"Mas eu não sei falar... Nunca trabalhei com essas pessoas... O que direi a elas em tal situação?... Não, não tenho condições, procure outro!" (cf Ex 4,10-13)

Lá no fundo do coração, porém, uma voz serena e confiante se fez ouvir: *Vai, eu estarei contigo!*

No caminho, em direção à casa onde eles estão, eu ia imaginando seus rostos, como seriam, que dificuldades traziam, que interrogações se faziam, que esperanças alimentavam...

Ao chegar lá, já de início me chamou a atenção o nome da casa: *Recanto da Esperança*. Ao entrar, abracei-os com alegria, disposto a ser amigo, a aprender e colaborar.

Observei um quadro do GANDHI, na parede, onde estava escrito: *"É necessário amar a mais insignificante das criaturas como a nós mesmos"*.

Fomos muito bem acolhidos por todos. Assim, desde março, todas as terças-feiras, eu, Dona Agnes e o Henrique, vamos visitá-los para, juntos, descobrirmos melhor Deus em nossas vidas.

Nossos encontros são variados e marcados por leituras bíblicas e reflexão da Palavra de Deus, vídeos com filmes bíblicos e outros aspectos da vida comunitária, slides, cantos e... muito diálogo.

É claro que a dinâmica espiritual vai se processando diferentemente em cada um, mas todos estão sedentos por descobrirem em Deus o caminho e o sentido para suas vidas.